

A história dos feminismos na América Latina a partir das contribuições de Dora Barrancos

Iasmin Gomes Prado¹

Resenha recebida em: 20/10/2023

Resenha aprovada em: 16/11/2023

Em “História dos feminismos na América Latina”, a intelectual argentina Dora Barrancos (2022) investiga os movimentos feministas latino-americanos de maneira objetiva e didática, visando alcançar um público leitor amplo. A autora percorre os cenários históricos que corroboraram o surgimento do fenômeno na região nas primeiras décadas do século XX, suas demandas e transformações, além de algumas das pautas e mobilizações dos feminismos do século XXI.

Já na introdução intitulada “Das primeiras chamadas ao amadurecimento do movimento feminista”, Dora Barrancos (2022) sinaliza o que entende por feminismo – um fenômeno intelectual e político que surgiu no século XIX que luta pela igualdade de direitos para as mulheres. Apesar de a origem da corrente de pensamento datar desse período, inúmeras ações de emancipação feminina foram desenvolvidas em momentos anteriores na América Latina. Dois exemplos são as trajetórias de Juana Azurduy e Bartolina Sisa, sujeitas de origem indígena que lutaram contra a colonização espanhola nos processos de independência na América do Sul e inspiraram movimentos feministas na contemporaneidade.

Outro aspecto analisado foram as organizações feministas protagonizadas por mulheres europeias e estadunidenses: suas precursoras, obras, inquietações e ações. É interessante que a pensadora tenha destacado o quanto as mobilizações das mulheres trabalhadoras e suas ideologias comunistas, socialistas e anarquistas foram importantes para a consolidação dos

¹ Doutoranda em História - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e-mail: iasmin.gomes@estudante.ufjf.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0401-3883>.

feminismos, ressaltando contribuições de pensadoras como Alexandra Kollontai em “Nova mulher e a moral sexual”, de 1918. Posteriormente, foi desenvolvido um panorama geral dos feminismos latino-americanos nos séculos XX e XXI, relacionando a história política das mulheres com a da América Latina, o que nos possibilita refletir sobre o quanto a formação da consciência política das mulheres se articula com o crescimento da consciência de gênero.

Uma crítica que fazemos ao conteúdo do livro é a escolha por dividir os movimentos feministas em “ondas”, algo que é também questionado por teóricas do Sul Global. Geralmente, tal distribuição acompanha acontecimentos estadunidenses e europeus e fomenta a ideia de que todos os grupos estudados possuem a mesma ideia de temporalidade e territorialidade. Aspecto este difícil de se conceber se levarmos em consideração a heterogeneidade do subcontinente. Apesar de trabalhar com a noção de ondas, é perceptível que Dora Barrancos (2022) entende que as mobilizações pela libertação das mulheres na América Latina perpassam questões próprias de cada tempo-espaço e dos grupos de mulheres que os compõem, logo apresentando divergências no que tange às epistemologias elaboradas na Europa e nos Estados Unidos. Para a autora, “Os feminismos latino-americanos oferecem um divisor de águas temporal que não coincide exatamente com o das órbitas norte-americanas e europeias, embora se assimile bastante”. P.45.

Após a introdução, o livro foi dividido em três capítulos: “Primeira parte: feminismos no México, na América Central e no Caribe”, “Segunda parte: Feminismos na América do Sul” e “Terceira parte: Feminismos latino-americanos do século XXI”. Nas duas primeiras, as temáticas são divididas por países, sendo eles Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. A obra é importante para conhecermos movimentos feministas ainda pouco explorados pela historiografia brasileira, como os dos países da América Central. Além disso, possibilita o conhecimento de feminismos sul-americanos ainda não muito estudados no Brasil: os paraguaios e os venezuelanos. No decorrer dos capítulos, a autora evidencia grandes personagens femininas, associações e partidos políticos socialistas e comunistas que contribuíram para as lutas de emancipação das mulheres.

Ao longo da leitura, são notórias as semelhanças entre os movimentos feministas da América Latina, região historicamente marcada pelo colonialismo e pela colonialidade, e o fato de não poderem ser analisados de forma separada das categorias de raça e classe. As disputas por território, as guerras de independências, as consolidações das repúblicas, as revoluções e o caráter fascista das ditaduras, por exemplo, são temáticas que perpassam todo o continente americano e, conseqüentemente, as mobilizações das mulheres que o habitam. Não é por acaso que algumas sujeitas tiveram articulações com outros países da região, seja por congressos ou demais formas de organização – as lutas estão conectadas.

É interessante que tais questões nos estimulam a refletir sobre o próprio conceito de América Latina, alvo de disputas políticas e debates entre as sociedades. Reivindicar uma história dos feminismos latino-americanos é uma forma de se posicionar enquanto território subalternizado pelo processo civilizador. Ao mesmo tempo, o termo “América Latina” contém em si origens coloniais que são questionadas por diversos grupos. Nesse contexto, a expressão “*Abya Yala*” que significa “terra madura” para o povo kuna, e denomina o que entendemos por “América”, surge como instrumento de crítica ao eurocentrismo e imperialismo que perpassam a linguagem, a cultura e a geografia². Ademais, propõe-se repensar as divisões em países e sub-regiões adotadas na contemporaneidade. Se temos relações históricas e ancestrais com países da América do Norte, como Estados Unidos e Canadá, deveríamos excluí-los de nossas nomeações políticas? Quais termos usar em nossas lutas e produções acadêmicas: América, América Latina, Sul Global, Terceiro Mundo? Atualmente, movimentos de mulheres indígenas do continente americano têm contribuído muito com essas discussões.

Outra temática que Dora Barrancos (2022) salienta em seu trabalho é como as primeiras ondas dos feminismos, de maneira geral, foram caracterizadas pelas trajetórias e ações de mulheres letradas, sobretudo ligadas ao magistério. O que corresponde a um grupo de mulheres brancas, de classe média alta e com visões de mundo elitistas que se expressavam em suas agendas. Essas mobilizações tinham como principais pautas as reformas de códigos civis e políticos, sendo o sufrágio feminino a mais difundida. Além disso, fomentaram a construção de impressos como *Fina Flor*, provavelmente a primeira revista feminista da Bolívia.

² Abya Yala. IELA – Instituto de Estudos Latino-americanos. Disponível em <https://iela.ufsc.br/projeto/povos-originarios/abya-yala/>.

Ressaltamos que as segundas ondas dos feminismos acentuaram os conflitos entre as mulheres burguesas e trabalhadoras. Afinal, a categoria de classe foi central para a formação e organização dos movimentos feministas desse período. A América Latina da segunda metade do século XX, momento que abrange as segundas ondas, foi caracterizada por um cenário de intensa circulação de ideias, consolidação de projetos editoriais e formação de redes intelectuais e sociais. Tal cenário se relaciona com as influências da Revolução Cubana e da Teologia da Libertação, movimentos que trouxeram novas perspectivas sobre o imperialismo, o catolicismo e o marxismo na região.

Como forma de interromper os processos revolucionários em curso no contexto descrito anteriormente, ditaduras militares foram impostas em países como Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai e Peru. A Doutrina de Segurança Nacional, a Operação Condor, o exílio massivo e os demais dispositivos de repressão instaurados pelos Estados ditatoriais contribuíram para a criação de múltiplas organizações que lutaram pelo fim das violações dos direitos humanos cometidas pelos militares. Os apontamentos de Dora Barrancos (2022) mostram como os governos autoritários podem servir como instrumento de contenção dos movimentos feministas ou de motivação para a sua disseminação. Nessa conjuntura, os movimentos feministas latino-americanos se mobilizaram nacional e internacionalmente em prol de denunciar as opressões sofridas pelas mulheres nos âmbitos público e privado das sociedades, inclusive, aquelas desenvolvidas pelos seus próprios companheiros de partidos de esquerda. A crítica partia do entendimento de que as relações pessoais são relações de poder e que o retorno à democracia também era uma pauta feminista. A experiência do exílio foi fundamental para esse contato entre mulheres de diferentes territorialidades e para a formação de suas consciências enquanto mulheres políticas e feministas. Muitas exiladas formaram redes intelectuais e de sociabilidade, fomentando o que autoras denominam “imprensa feminista”. A própria Dora Barrancos (2022) afirma no prefácio de seu livro que as suas concepções feministas devem muito ao Brasil, país onde foi exilada e cursou estudos da pós-graduação (BARRANCOS, 2022, p.11).

A conexão com as culturas políticas de outras localidades foi e ainda é um poderoso instrumento de potencialização e fortalecimento das pautas feministas. Na parte final do livro, foi investigado como tais relações se manifestam no século XXI a partir de assuntos muito

discutidos na esfera feminista internacional: a agenda de luta pelo aborto legal, seguro e gratuito, para o qual a Argentina se consolidou como grande referência para as suas *hermanas*, as ações do movimento *Ni Una Menos*, que inspiraram e acompanharam as mobilizações brasileiras pelo “Ele Não”, em 2018, e as mulheres organizadas pela paz na Colômbia, país que enfrenta inúmeros conflitos armados.

Todos os assuntos discutidos por Dora Barrancos (2022) evidenciam a riqueza de sua obra para o conhecimento e reconhecimento das histórias dos movimentos feministas latino-americanos. Vale ressaltar que o exercício desenvolvido pela intelectual foi possível porque pesquisadoras como Angela Davis, Francesca Gargallo, Gloria Anzaldúa, Joana Maria Pedro, Julieta Kirkwood, Julieta Paredes, Lélia González, Verónica Gago, Yuderkys Espinosa, bem como tantas outras, também se dedicaram a investigar os feminismos do continente americano a partir de uma perspectiva contra hegemônica. O campo de conhecimento se encontra em constante expansão na academia, sendo o resultado de inúmeras disputas políticas e socioeconômicas que atravessaram as experiências de teóricas e/ou militantes de movimentos sociais. O reconhecimento histórico e a valorização da história dos feminismos na América Latina corrobora para pensarmos a história política e do tempo presente na região, refletindo sobre temáticas contemporâneas, tais como a relação entre feminicídio e militarização, denunciada por mulheres indígenas de Guatemala, Honduras e El Salvador, e a forma como as organizações Coletivo Feminista Abya Yala, Mulheres Criando e Feminismo Comunitário, compostas majoritariamente por mulheres originárias, contribuem para a descolonização dos feminismos. Ao mesmo tempo, ressalta-se o quanto as mobilizações atuais têm relação com um passado latino-americano caracterizado pela imposição de um patriarcado colonial que ainda se sustenta na região.

Referências Bibliográficas

BARRANCOS, Dora. **História dos feminismos na América Latina**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022, 288 p.